

## O TEMA DO EXÍLIO NA OBRA DE EÇA DE QUEIRÓS

Seria arriscado menosprezar e pior ainda ignorar o paradigma realista na produção literária de Eça de Queirós. Com efeito, ele continua a ser indispensável pela sua operacionalidade, como cobertura conceptual de uma fenomenologia histórico-literária conologicamente demarcada e datada. Contudo, o facto de algumas das principais obras de Eça de Queirós serem dele indissociáveis não legitima o mitificante excesso da sua valorização: ele tem conduzido a abordagem do universo queirosiano a um afunilamento hermenêutico, responsável pela subalternização de outros aspectos da obra queirosiana que se revestem hoje de inquestionável actualidade. Dessa atitude redutora se tem ressentido de um modo especial o estudo do dialogismo queirosiano de matriz greco-latina. Lacuna tanto mais grave quanto é sabido que o intertexto clássico constituiu um dos principais vectores da literatura europeia em que o escritor português em boa hora se inseriu. A *tradio*, a memória intertextual, nada tem de incompatível com a modernidade de matriz iluminista e constitui seguramente uma das vertentes principais da modernidade estética em todo o século XIX. De resto, o contexto da obra literária não é apenas de natureza histórica e social, mas também de natureza estética<sup>1</sup>. Neste aspecto, o prestígio de um autor, o carácter exemplar («clássico») de sua obra, como sobrevivência artística na memória do sistema, como proliferação de metatextos, hipertextos e interdiscursos, a sua tradicionalidade como objecto de uma espécie de pacto cultural, de um consenso pelo menos tácito – são factores determinantes para a configuração do seu significado e, como pontos de referência, indissociáveis da estética da recepção. A esta luz, facilmente se compreende a forte presença do intertexto clássico em Eça de Queirós.

O acesso de Eça de Queirós à Antiguidade clássica, para além dos reais conhecimentos que ele tinha do latim, fez-se primacialmente através de traduções francesas, muito difundidas em edições baratas, com capa de brochura amarela e «a três francos e meio», como ele mesmo escreve várias vezes, e publicadas pelas editoras mais importantes de Paris, como a Garnier, a Calman-Lévy e a Hachette que ele tantas vezes refere. Ora foi precisamente esta uma das editoras que mais contribuiu para a difusão de Ovídio em

traduções. Por outro lado, entres esses autores traduzidos em francês, Ovídio ocupava um lugar de destaque. Também desempenha um papel semioticamente importante na obra de Eça de Queirós. Não há escritor que, no seu exílio real ou metafórico, se não lembre do caso paradigmático desse poeta latino, a quem as tricas obscuras de um poder discricionário obrigaram a deixar Roma, o centro do império e da civilização, para viver entre bárbaros, no álgido país dos Gétulos. Dele se lembrou Eça de Queirós frequentemente, em belíssimos textos escritos de França e de Inglaterra, onde a distância lhe avivava as raízes que sempre continuaram a prendê-lo ao torrão natal e aos amigos distantes.

Num escritor como Eça de Queirós tão impregnado do intertexto clássico, seria no mínimo surpreendente o silêncio sobre Ovídio, que tanto marcou a literatura ocidental em geral e a portuguesa em particular, desde ao Idade Média até ao presente e atingiu em Camões porventura a força maior do seu impacto. Da sua obra sobressaem, na memória colectiva, estas duas ideias dominantes: o amor e o exílio.

No que a Eça de Queirós diz respeito, a primeira menção do nome de Ovídio encontra-se no texto «Os Poetas do Mal»<sup>2</sup>. Aí se refere Eça de Queirós à «multidão dos críticos, dos escrevinhadores, dos realistas... que descascam as árvores sagradas donde caíam os versos de Ovídio, para lhes estudar as fibras e os filamentos»<sup>3</sup>. Nesta oposição entre a erudição prosaica e a poesia genuína, Eça de Queirós refere-se a um suporte material da escrita, bastante curioso, e ainda hoje usado – as inscrições de mensagens de carácter amoroso, feitas nos troncos das árvores. E não se pense que se trata de uma lenda ou de uma invenção do escritor. Com efeito, nas *Heróides* de Ovídio (vv. 21-30), a ninfa Enone, na sua carta de amor a Páris, diz-lhe que as faias conservam o nome dela, nelas gravado por ele a golpes de canivete: por isso, todos o lêem, enquanto cresce com os troncos; a ninfa exulta-os a crescer, para erguerem bem alto os nomes dos dois amantes<sup>4</sup>. Refere-se em seguida a uma inscrição gravada por Páris em sua memória, num choupo que crescia à beira do rio: «Vive, choupo, eu te imploro, tu que, plantado na margem ribeirinha, ostentas este carne em tua rugosa casca: no dia em que Páris abandonar Enone, se ele puder respirar, que a linfa do Xanto inverta o seu curso e volte à nascentes»<sup>5</sup>. A beleza dos versos latinos, a que o recurso ao *adynton* confere particular vigor, merece bem esta feliz alusão de Eça de Queirós e é um indicador seguro acerca do bom gosto que o escritor já então possuía, apesar da verdura da idade.

Em *O Crime do Padre Amaro*, aparece o erudito Valadares, «lido nos clássicos, epigramático»<sup>6</sup>, e «admirador de Ovídio – que falava sempre fazendo boquinhas e com alusões mitológicas»<sup>7</sup>, impecavelmente feitas a propósito. Esta associação, na mesma personagem, do nome do poeta à mitologia faz pressupor um conhecimento profundo das *Metamorfoses*, verdadeiro tratado poético acerca do mito.

É ainda a Ovídio que recorre, para exprimir o intrigante silêncio literário de uma personagem tão dotada como Fradique Mendes. Apesar do seu apurado bom-gosto e originais concepções estético-literárias, morreu, sem nada deixar escrito, o que muito surpreendeu a crítica. De facto ele adoptara a máxima de Descartes: *bene vixit qui bene latuit*<sup>8</sup>. Ora este adágio de matriz epicurista («lathe biôsas», «vive escondido») não é

mais que a abreviação de um verso de Ovídio: «Acredita: bem viveu, quem bem se escondeu»<sup>9</sup>.

O poeta Ovídio surgia, no espírito de Eça de Queirós, como o referente emblemático de uma época de ouro da literatura latina. Na «Encíclica Poética», ironizando sobre um poema gastronómico do papa Leão XIII, composto em latim, fala do seu «verso latino» que ele «empregou... com aquela elegância límpida, ainda que um pouco mole, que o tornaria merecedor de pontificar, senão *nos tempos de Ovídio*, ao menos nos tempos de Ausónio»<sup>10</sup>.

Mas foi o poeta desterrado que mais impressionou Eça de Queirós, como outros espíritos cultos mais ou menos atingidos pelo exílio, quer no sentido próprio quer no sentido figurado, desde Racine e Fénelon<sup>11</sup>, até ao contemporâneo Vintila Horia passando por Chateaubriand e Charles Baudelaire. E foi precisamente este escritor que contribuiu, com a sua crítica de arte, para a celebridade de um quadro de Delacroix intitulado «Ovide en exil chez les Scythes»<sup>12</sup>. A ele se refere também nas *Flores do Mal*<sup>13</sup>. Quer dizer: o exílio de Ovídio, cujas causas ainda hoje estão por esclarecer<sup>14</sup>, já se tinha convertido, ao tempo de Eça de Queirós, num tema artístico, nos domínios da pintura e da literatura, pelo menos.

Assim se compreende que o escritor, vivendo, ou na província ou longe da pátria por imperativos da carreira administrativa e diplomática, tenha visto na sua vida uma espécie de exílio e pensado no poeta latino *relegatus* para as longínquas paragens do ponto Euxino, junto do Mar Negro. De Leiria, escreve a Eduardo Coelho uma carta datada de Agosto de 1870, que começa desta maneira: «escrevo-lhe *do meu exílio administrativo*»<sup>15</sup>. Ora, o lexema «exílio» não o emprega ele por simples acaso, mas a pensar no poeta latino. Com efeito, confessa ele logo a seguir: «Aborreço-me como Ovídio desterrado». Três anos depois (1873), escreve de Havana a Ramalho Ortigão (o tom é plangente, como o dos *Tristia* do Sulmonense<sup>16</sup>): «Saí da minha atmosfera e vivo inquieto, num ar que não é o meu. Além disso, estou longe da Europa e Você sabe quão profundamente somos europeus, Você e eu»<sup>17</sup>. Ainda no mesmo ano e também de Cuba, volta a escrever ao mesmo amigo Ramalho Ortigão, de novo se lamentando da sua vida longe da pátria: «Estou tão só que a minha conversação ordinária é com o meu criado: estou tão imbecil que leio Paulo de Kock! (É a verdade exacta)». Depois prossegue:

Por isso, amigo, não creia que eu deva julgar-me feliz, por me achar longe da infecção do Chiado. Ai! como *Madame* de Staël, eu tenho saudades do enxurro do Rossio. – Você não compreende decerto este sentimento, porque nunca esteve exilado. O exílio importa a glorificação da pátria<sup>18</sup>.

Dois anos depois, já em Newcastle-on-Tyne, em carta de 1 de Fevereiro de 1875, exprime-se como «um pobre exilado entre os Bretões» e, se o etnónimo lembra o *De Agricola* de Tácito, ele equivale aos Getas, no meio dos quais Ovídio se sentiu como um bárbaro, porque ninguém o compreendia. Noutra carta que lhe dirige da mesma cidade de Newcastle em Março de 1875, volta a empregar a palavra «exílio» e lamenta-se de ficar «só, secado». Que a esta ideia de exílio e solidão é indissociável do poeta

dos *Tristia*, prova-o outra carta, agora enviada de Bristol (14 de Dezembro de 1880) e publicada nas *Notas Contemporâneas*, sob o título de «Brasil e Portugal». Nela se dirige a Pinheiro Chagas, para dizer:

E depois, caro Chagas, *como a Ovídio exilado entre os bárbaros*, é-me doce tudo o que vem daí, de Roma, da imperial Roma, chegando-me na cadência de ouro do falar latino, como um aroma dos jardins de Augusto – ainda mesmo que sejam os brandos epigramas de Higino<sup>16</sup>.

Enfim, Eça de Queirós transferiu para algumas das suas mais representativas personagens esse sentimento de exilado à semelhança de Ovídio. É o que sucede com o Ulisses do conto «A perfeição», cativo na ilha Ogígia<sup>19</sup> e com o Jacinto de *A Cidade e as Serras*, também a seu modo prisioneiro nas redes do progresso e da civilização parisienses. O exílio é, neste romance, uma das ideias-chave e dela não pode dissociar-se o nome do célebre poeta latino. Ora, a este propósito, há um velho problema que está por resolver. Trata-se do já célebre topónimo «Tormes» do romance acima referido. Nunca até hoje houve uma explicação para ele. Há quem se satisfaça com dizer que o topónimo foi inventado para possibilitar a confusão com Alba de Tormes, onde foram parar as malas de Jacinto, no regresso do seu «exílio» de Paris. Só que essa explicação não é satisfatória. Não havia muitas outras localidades ligadas pela via férrea que atravessava a Espanha? Porque optou o romancista por «Tormes»? A questão já foi posta por Gondin da Fonseca nestes termos: «A Quinta de Vila Nova é a 'Tormes' de 'A Cidade e as Serras'. Por que diabo Eça lhe colou o apelido de Tormes? Ignoro»<sup>20</sup>. A questão é tanto mais pertinente, quanto a motivação onomástica é, em Eça de Queirós, muito forte<sup>21</sup>. Que o topónimo foi cuidadosamente pensado, prova-o a sua paronímia com a variante «Torges», que a precede no conto «Civilização», donde o romance deriva, mas onde o motivo do paradeiro da bagagem está ausente. É que «Tormes» de *A Cidade e as Serras* é um topónimo formado a partir de «Torges», de «Civilização» da mesma maneira que o romance foi elaborado a partir do conto. E assim como o tema do conto é fundamentalmente idêntico ao do romance, também idêntica será a origem de Tormes e de Torges, que não passam de duas variantes do mesmo étimo. Mas no conto, o topónimo «Torges» não se pode explicar pela necessidade de confusão com outro topónimo, pelo simples motivo de que tal confusão não existe.

Em *A cidade e as Serras*, a ideia de exílio a que, na mente do escritor, como vimos já, anda associado o caso de Ovídio, está sempre presente no espírito de Jacinto, durante a sua longa viagem, desde a civilizada cidade de Paris até à inhospita Tormes. Sob a chuva, atravessou de comboio toda a Espanha, «considerando vales e montes com a melancolia de quem penetra nas *terras do seu desterro*», como diz o narrador<sup>22</sup>. Depois, quando se apercebe de que as bagagens, verdadeiros emblemas da civilização parisiense, se tinham extraviado para Alba de Tormes, devido à tal confusão toponímica, a sua desolação é total. Ela é expressa por todo um vocabulário a condizer com Tormes como lugar de exílio e a lembrar a dura experiência de Ovídio entre os bárbaros, longe da metrópole romana. Com efeito, o Jacinto de *A Cidade e as Serras* fala de «barbárie»,

de «destino inclemente», de «horror». E, quando se vê sem pijama, nem chinelas, sobre uma enxerga dura pousada no duro chão, era bem «uma intensa e verídica imagem do Desalento», segundo as palavras do narrador. Teve de dormir com os pés metidos nuns tamancos e o corpo enfiado numa camisa da comadre do Melchior, «enorme, de estopa, áspera como uma estamenha de penitente, com folhos mais crespos e duros do que labores de madeira». Nesta fase de iniciação, em que uma nova mentalidade e um novo estilo de vida começavam a dar os primeiros passos, valeu-lhe a indefectível amizade do inseparável Zé Fernandes, que, qual Sancho Pança, com espírito prático e o sentido agudo da realidade, lhe ia apresentando soluções para tudo, e, em tom irónico, lhe fazia prédicas com misturas de estoicismo e de cristianismo, citando-lhe os exemplos de Platão, de Vasco da Gama e dizendo àquele refinado epicurista que «é só vestido de estamenha que se penetra no Paraíso».

Vemos assim, que o topónimo «Tormes» foi cuidadosamente pensado. «Tormes» provém de «Torges» como o romance *A Cidade e as Serras*, publicado em 1901, provém do conto «Civilização». Ora, porque é que no conto «Torges» corresponde a Santa Cruz do Douro? Fundamentalmente pela mesma razão que o levaria depois a chamar-lhe «Tormes».

O conto foi publicado na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, em Outubro de 1892<sup>23</sup>. Em 28 de Maio desse mesmo ano, Eça de Queirós, que visitara a quinta dias antes, embora reconheça as suas belezas naturais, descreve o lugar como inhospito e ermo<sup>24</sup>. Não lhe acudiria então ao espírito a ideia de «exílio»? Ora os textos franceses do século passado, em que era descrita a vida e a obra de Ovídio, continham esta expressão muito frequente «exilé à Tormes». Trata-se do topónimo correspondente ao latim *Tomis*, cidade para onde o poeta foi desterrado. Do fr. «Tomes», presença «obrigatória» em todo o texto relativo a Ovídio, ao português «Torges» e «Tormes» a distância é pequena e a paronímia evidente. Para tal bastou a simples inclusão do fonema [r], com a vantagem de evitar a indesejável associação paronímica com o verbo «tomar»<sup>25</sup>. Assim conseguiu, para além da necessária confusão com Alba de Tormes, a conotação de «exílio» implícita no nome da cidade para onde Ovídio foi desterrado. Com efeito, Eça de Queirós projectou no supercivilizado Jacinto, vindo do seu paraíso parisiense, aquela mesma impressão de terra inhospita, que ele mesmo havia experimentado, quando, pela primeira vez visitou Santa Cruz do Douro: «- É horroroso!» exclamou Jacinto<sup>26</sup>. A essa impressão disfórica estava associado o topónimo da terra de exílio, «Tomes», que Eça de Queirós leu em textos franceses<sup>27</sup>. Como é óbvio, uma vez injectada na semiótica da narrativa a ideia de exílio, esta pode ser lida de duas maneiras, dada a sua ambivalência significativa. É que numa segunda fase, as situações inverteram-se: o paraíso deslocou-se de Paris, cidade atulhada de civilização, à imagem da Roma cosmopolita do poeta latino<sup>28</sup>, para a bucólica Torges/Tormes, vista agora como terra acolhedora. E, na inversa, o verdadeiro lugar de exílio passou a ser Paris, de onde, «para reaver a felicidade, é necessário regressar» ao novo «paraíso», como lembra a Jacinto o seu amigo<sup>29</sup>. E, uma vez a ele regressados, podia um e outro fazer seus os famosos versos do Baudelaire de *As Flores do Mal*:

Je ne geindrai pas comme Ovide  
Chassé de son paradis latin<sup>30</sup>.

E de facto, tal como Ovídio, Eça de Queirós, fora de Portugal e da sua Lisboa, por ele enxovalhada e querida ao mesmo tempo, tinha lamentado bastante, em sentido próprio, a sua condição de exílio que o foi apenas em sentido figurado.

- <sup>1</sup> Cf. Antonio García Berrio, *Teoría de la Literatura*, Madrid, Cátedra, 1989, pp. 297-321.
- <sup>2</sup> Publicado na *Gazeta de Portugal* (21 de Outubro de 1966) e depois recolhido nas *Cartas Inéditas de Fradique Mendes*, Porto, Livraria Chardron, de Lello & Irmão, 1929, pp. 80-89.
- <sup>3</sup> *Op. cit.*, p. 83.
- <sup>4</sup> *Incisae seruant a te mea nomina fagi; / Et legor Oenone, falce notata tua: / Et quantum trunci, tantum mea nomina crescunt. / Crescite et in titulos surgite recta meos.* Já Camões, que tanto se reviu no exílio de Ovídio, um dos autores latinos com mais forte presença na sua obra, faz dizer numa das suas églogas, ao pastor Agrário, que Páris «nos álamos altos escrevia» o nome da sua amada, a ninfa Enone (cf. Luís de Camões, *Rimas*, texto estabelecido e prefaciado por Álvaro Júlio da Costa Pimpão, Coimbra, Atlântida, p. 327). Devemos, porém, frisar que a presença do legado clássico em Eça de Queirós é muito mais de natureza exógena que endógena, isto é, deve-se muito mais à situação cultural da Europa do seu tempo, em que a Antiguidade Clássica tinha um presença muito forte –, do que ao peso de uma *traditio* literária nacional, aliás já muito desvalorizada, aos olhos de Eça de Queirós e da chamada Geração de 70, pela prática literária de Castilho. Daí a importância da mediação francesa na recepção queirosiana dos escritores greco-latinos. Podemos mesmo dizer que essa importância é um dos aspectos do auto-proclamado francesismo de Eça de Queirós.
- <sup>5</sup> *Popule, uiue, precor, quae consita margine ripae / Hoc in rugoso cortice carmen habes: / Quum Paris Oenone poterit spirare relicta, / Ad fontem Xanti uersa recurret aqua.*
- <sup>6</sup> Eça de Queirós, *O Crime do Padre Amaro*. Edição definitiva, Lisboa, Tipografia Castro e Irmão, 1976.
- <sup>7</sup> Eça de Queirós, *O Crime do Padre Amaro*, Livraria Internacional de Ernesto Chardron Editor, 1880.
- <sup>8</sup> Eça de Queirós, «Correspondência de Fradique Mendes, in *Revista de Portugal*, 1890, 26.
- <sup>9</sup> *Crede mihi, bene qui latuì bene uixit* (Ov. *Trist.* III.4, 25).
- <sup>10</sup> Eça de Queirós, *Notas Contemporâneas*, Porto, Livraria Chardron, 1909, p.461.
- <sup>11</sup> Cf. P. M. Martin, «Source Ovidienne dans Fénelon, *Télémaque*», in *Colloque Présence d'Ovide*, Paris, Société d'Édition «Les Belles Lettres», 1982, p. 353; M. Bonjour, «Dieu est né en exile de Vintila Horia ou un Ovide Métamorphosé», in *Colloque Présence d'Ovide*, Paris, Société d'Édition «Les Belles Lettres», 1982, pp. 441-54.
- <sup>12</sup> Charles Baudelaire, *Oeuvres*, Tome I. Texte établi, présenté e annoté par Claude Pichois. Gallimard, Bibliothèque de la Pléiade, Paris, 1975, pp. 635-37.
- <sup>13</sup> *Ibid.*, pp. 77 e 86.
- <sup>14</sup> Cf. D. Marin, «Intorno alle cause dell'Esilio di Ovidio», in *Ovidiana, Recherches sur Ovide*, Paris, Société d'Édition «Les Belles Lettres», 1958, pp. 406-14; R. 106-11; R. Marache, «La Révolte d'Ovide Exilé contre Auguste», in *Ovidiana, Recherches sur Ovide*, Paris, Société

d'Éditions «Les Belles Lettres», 1958, pp. 112-19; N. I. Herescu, «Le Sens de l'Építaphe Ovidienne», in *Ovidiana, Recherches sur Ovide*, Paris, Société d'Éditions «Les Belles Lettres», 1958, pp. 420-41.

- <sup>15</sup> Eça de Queirós, *Correspondência, Obras Completas*, vol. III, Porto, Livraria Lello Editora, 1966, p. 495; sublinhado nosso.
- <sup>16</sup> *Ibid.*, pp. 496-97.
- <sup>17</sup> *Ibid.*, p. 499.
- <sup>18</sup> *Ibid.*, p. 506.
- <sup>19</sup> Mas aí, Eça de Queirós desce muito mais fundo que o seu modelo homérico. O exílio de Ulisses não consiste apenas numa privação afectiva provocada pela distância – longe do seu reino, da sua família, das suas mais evidentes raízes. A privação é ainda mais trágica (pelo menos como tal a sente e atinge-o na própria essência de homem. As comodidades de que a ninfa Calipso o rodeia, a imortalidade que lhe promete, a paragem no tempo, numa ilha onde tudo é imutável e «perfeito» repugnam à sua humana e «imperfeita» condição. E é este o seu verdadeiro exílio – o exílio de si mesmo. É também ele o móbil mais profundo da sua recusa e do seu regresso – regresso a si mesmo antes de ser regresso ao pátrio lar. Antes de recuperar os seus, recupera-se a si mesmo como homem, assumindo-se na sua contingência e na sua historicidade.
- <sup>20</sup> Gondin da Fonseca, *A Tragédia de Eça de Queirós*, Rio de Janeiro, Livraria São Paulo, <sup>2</sup>1972, p. 141.
- <sup>21</sup> Cf. Manuel dos Santos Alves, «Circum-Navegando *Os Maias*», in *Diacrítica*, n. 3-4, 1989, pp. 325-26.
- <sup>22</sup> Eça de Queirós, *A Cidade e as Serras*, Livraria Chardron de Lello e Irmão, 1901, p. 184; sublinhado nosso.
- <sup>23</sup> Mais concretamente, nos dias 16, 17, 18, 21 e 23.
- <sup>24</sup> Cf. Eça de Queirós, *Obras Completas*, vol. IV, Porto, Lello & Irmão Editores, 1986, pp. 1591-94).
- <sup>25</sup> Aliás, não faltam, na obra de Eça de Queirós, exemplos de metaplasmas similares: Sassi, de *A Capital*, por Sass, Marie Constance Sass, célebre cantora de ópera, que interveio na estreia, entre nós, em 1874, da ópera de Meyerbeer, *A Africana*; Cruges de *Os Maias* por Krus, Alfredo Krus (1854-1905), cunhado de Eça de Queirós e com «características musicais incarnadas em Cruges», (Luís dos Santos Ferro, artigo «Música», in *Dicionário de Eça de Queirós*, Coord. de A. Campos Matos, Lisboa, Caminho, <sup>3</sup>1993; Suma-Rabema, de *A Correspondência de Fradique Mendes*, por Alma-Tadema (1836-1912), pintor holandês radicado em Inglaterra e figura cimeira da pintura, dita académica, da era vitoriana; Fustan de Carmanges e Fontan de Carmanges, personagem da obra acabada de referir, por Fustel de Coulanges (1830-89), grande historiador francês, cuja obra *La Cité Antique* se tornou clássica no género e que Eça de Queirós conhecia; enfim, Paul Vargette das *Cartas Inéditas de Fradique Mendes*, por Paul Verlaine (1844-96), o célebre poeta simbolista. Assim, com ligeiras modificações, introduzia Eça de Queirós no universo ficcional referentes do universo real, bem conhecidos no seu tempo.
- <sup>26</sup> Eça de Queirós, *Contos*, *op. cit.*, p. 110.
- <sup>27</sup> Eça de Queirós, *Obras Completas*, vol. IV, p. 1217.
- <sup>28</sup> «a sede do império e a mansão dos Deuses, que, do alto das sete colinas, abrange com seu olhar o universo inteiro»: *quae de septem totum circumspicit orbem / Montibus, imperii Romae Deumque locus* (*Trist.* I.5, 69-70).

<sup>29</sup> Eça de Queirós, *Contos*, *op. cit.*, p. 125.

<sup>30</sup> *Op. cit.*, p. 77.

### Abstract

The aim of the present paper is to study the theme of the exile, which occupies a significant space in the literary work of Eça de Queirós. It was favoured both by the travels and his diplomatic career that forced him to live for a long time in foreign countries as Cuba, England and France. This experience is echoed by a whole series of characters as Odysseus detained by Calypso on the island of Ogygia for seven years and Jacinto living the disgusting contradictions of the *fin de siècle* civilization in Paris. But the great paradigm of the exile was to him the latin poet Ovid, whom a discretionary power banished from Rome to Tomi, a remote and barbarian town of Scythia on the seaside of the Black Sea. In my opinion, the famous «Tormes» toponym of the novel *The City and the Mountains* may be explained as an adaptation of «Tomes», the French toponym derived from Tomi, which the Portuguese writer had read in prefaces of Ovid's French translations.